

Acolher o Indizível: Hospitalidade como Travessia no Espectro Existencial de A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector

LUANA GUIMARÃES MANSO
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI (UAM)

AIRTON JOSÉ CAVENAGHI
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI (UAM)

Acolher o Indizível: Hospitalidade como Travessia no Espectro Existencial de A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector

1. Introdução

A Paixão Segundo G.H. de Clarice Lispector é uma travessia que não se lê com os olhos apenas: atravessa-se com a pele, com o silêncio, com aquilo que em nós ainda não foi dito. Não se trata apenas da história de uma mulher diante de uma barata: trata-se de uma hospitalidade daquilo que mais repelimos, uma aceitação involuntária que desconcerta a linguagem e dissolve as margens do eu. A obra é menos uma narrativa é um acontecimento íntimo, onde a palavra se torna porosa, ou seja, com diferentes interpretações.

Entender G.H. sob a perspectiva da hospitalidade exige ir além da cena visível. Derrida (2003) propõe que a verdadeira hospitalidade é aquela que acolhe o absolutamente estrangeiro, sem condições. Não é receber o outro que se assemelha a nós; é, antes, perder-se no encontro com o que desorganiza nossas formas de reconhecimento. Em G.H., a hospitalidade não é convite: é invasão daquilo que, sendo radicalmente outro, impõe sua presença e desmonta o eu.

Lévinas (2000) sustenta que o rosto do outro nos convoca a uma responsabilidade que precede qualquer escolha consciente. A barata, enquanto símbolo do indizível, é essa alteridade extrema que não pede permissão para existir. G.H., ao confrontá-la, atravessa o limiar entre o humano e o não-humano, sendo convocada a uma ética que prescinde de palavras. Grassi (2004), por sua vez, evoca a hospitalidade como ritual de abertura e risco: acolher é sempre vulnerar-se.

Mas não se trata apenas da outra que surge de fora. G.H. acolhe também o estranho que habita em si, aquele que permaneceu subterrâneo sob as construções da identidade social e do discurso civilizado. A narrativa de Clarice Lispector, como observa Gotlib (2009), é menos a descrição de um acontecimento externo e mais a deflagração de um processo interno de dissolução e revelação. O quarto de serviço não é apenas o espaço físico da travessia: é o útero onde uma nova forma de ser se gesta.

Benjamin Moser (2009) aponta que Clarice Lispector viveu em constante deslocamento, geográfico, linguístico e existencial. Talvez por isso, sua escrita ressoe como a voz de quem nunca se reconheceu inteiramente no lugar que ocupa. Essa estrangeiridade fundamental se entranha em G.H., fazendo da personagem não apenas hospedeira do indizível, mas também hóspede de uma condição que não domina. Abdala Junior (2010) reforça essa dimensão biográfica ao indicar como a autora, mesmo enraizada no Brasil, nunca deixou de carregar a sensação íntima de exílio.

Assim, a experiência de hospitalidade em A Paixão Segundo G.H. não é apenas tema ou alegoria: é o próprio modo de ser da narrativa. O movimento de abrir-se ao inominável ao silêncio, ao informe, ao indizível é o que constitui tanto a experiência da personagem quanto a experiência de quem lê. Trata-se de acolher, sem saber como, aquilo que vem do mais fundo do ser e que já não se pode negar. E, talvez, ao acolher o que nos era intolerável, seja possível começar a habitar uma outra forma de vida.

Neste artigo, propõe-se acompanhar essa travessia, lançando luz sobre as dimensões ética, existencial e simbólica da hospitalidade radical em Clarice Lispector, e interrogando o que ainda podemos ser quando aceitamos acolher o que antes exilávamos de nós.

2. Fundamentação teórica

2.1 Clarice Lispector e sua relação com a hospitalidade

Clarice Lispector (1920–1977) escreveu como quem atravessa, e não como quem narra. Sua obra parece surgir do contato direto com aquilo que escapa, que não se dobra facilmente à linguagem. A introspecção radical, o estranhamento diante da vida ordinária e a busca

incessante por um sentido que nunca se fixa marcam cada um de seus gestos literários (Poli, 2009). Clarice não descreve o mundo: ela o interroga até que ele se desfaça.

A crítica literária tem reconhecido nela uma escrita que escapa das categorias usuais. Poli (2009) aponta que Lispector “escreve como mulher”, mas não para falar da mulher, sendo sua escrita feminina, no modo como fere a lógica da representação linear, abre espaço para o inominável. Seu estilo, mais do que dizer algo, permite que algo se diga por meio dela, como se o texto fosse atravessado pelo que ainda não tem forma.

A alteridade ocupa um lugar central na sua obra. Abdala Junior (2010) observa que Clarice, tanto na vida quanto na escrita, situava-se à margem, acolhendo o outro em sua radical diferença: fossem pessoas, fossem sentimentos primitivos que a maioria preferiria ignorar. Esse acolhimento da alteridade é uma hospitalidade sem garantias, sem contratos, e talvez por isso seja tão profundamente ética.

A trajetória biográfica da autora ressoa fortemente em sua literatura. Nascida na Ucrânia, mudou-se ainda pequena para o Brasil, portanto, Clarice viveu a experiência do deslocamento, da sensação de ser estrangeira na própria língua (Gotlib, 2009). Embora tenha se tornado uma das vozes mais representativas da literatura brasileira, sua relação com o português era de contínua reinvenção, como se nunca lhe fosse uma casa inteiramente segura.

Essa sensação de ser sempre “outra” reverbera em sua escrita como um tema subterrâneo. Derrida (2003) lembra que a verdadeira hospitalidade só começa quando se perde o poder de impor condições ao outro. Em Clarice, acolher o estranho é aceitar o desamparo diante do que não pode ser assimilado, ou seja, é permitir que o outro, em sua estranheza, atravesse o texto sem ser domesticado.

Essa hospitalidade radical encontra eco também no pensamento de Lévinas (2000), que sustenta que o eu é convocado pelo outro numa responsabilidade sem precedentes. Em *A Paixão Segundo G.H.*, essa convocação não se dá por meio da linguagem racional, mas da presença brutal do indizível, do informe, da barata: figura máxima da alteridade que resiste a qualquer tentativa de nomeação ou apropriação.

A escrita de Clarice pode ser compreendida, assim, como um exercício incessante de hospitalidade ao indizível. Não há celebração do conhecido; há uma abertura desconcertante ao que escapa. Em suas personagens femininas, frequentemente expostas a experiências-limite, o encontro com o estranho não é episódico: é estrutural. Enfrentar o outro é enfrentar também o que em si mesmo é estrangeiro.

Nesse sentido, a hospitalidade em Clarice é mais do que uma metáfora. É um modo de existência. Como afirma Gotlib (2009), suas personagens vivem “à beira do abismo” e nesse abismo, o outro se revela não como ameaça, mas como possibilidade de transformação. Receber o outro implica desmoronar a si mesmo, e nessa queda, talvez, abrir-se à reinvenção.

Lispector, portanto, não apenas tematiza a hospitalidade: ela a pratica na forma e no conteúdo de sua escrita. Sua obra desestabiliza o leitor, convidando-o a abandonar seus referenciais e a acolher, em si, o desconforto da alteridade. Essa experiência estética e existencial aproxima sua literatura dos pressupostos éticos propostos por pensadores como Derrida (2003) e Lévinas (2000).

É nesse movimento de despojamento e acolhimento do estranho que se inscreve a singularidade de Clarice Lispector: uma escrita que, sem prometer abrigo seguro, oferece ao leitor a travessia. Uma travessia em que se acolhe não apenas o outro, mas o irreconhecível dentro de si.

2.2 A hospitalidade no contexto de *A Paixão Segundo G.H.*

Publicado em 1964, *A Paixão Segundo G.H.* marca um ponto de inflexão na trajetória literária de Clarice Lispector. Considerado um de seus textos mais densos e desafiadores (Poli, 2009), o romance abandona as formas tradicionais de narrativa para mergulhar numa

experiência existencial em primeira pessoa, onde o tempo se curva e a linguagem se desmancha diante do indizível. G.H., a protagonista sem nome completo, atravessa uma crise que não se limita à identidade: é uma crise ontológica, um desabamento silencioso da estrutura que sustentava seu ser.

No espaço, aparentemente trivial do quarto de empregada, a protagonista inicia uma travessia que a levará ao encontro com o indizível e, paradoxalmente, com a essência da vida. Ao esmagar uma barata, gesto que poderia ser banal, G.H. desencadeia um processo irreversível de despojamento: é forçada a confrontar o que existe para além da ordem simbólica, para além da palavra que organiza o mundo. A barata, como observa Kristeva (1982), corporifica o indizível, aquilo que não é nem objeto nem sujeito, aquilo que perturba a ordem e ameaça os limites do eu.

Antes mesmo da violência do gesto, há o estranhamento inicial: ao adentrar o quarto de serviço, G.H. espera encontrar sujeira, desordem, imagens que seu imaginário social atribui àquele espaço marginal. Em vez disso, encontra um ambiente limpo, ordenado e silencioso. Esse momento é decisivo: G.H. percebe, ainda que confusamente, que ignorava a existência real da ex-empregada, cuja memória já se apagara de sua mente (Lispector, 1964). A hospitalidade, nesse contexto, não é preparada conscientemente; ela irrompe como ruptura, como descoberta involuntária da presença do outro que sempre esteve silenciado.

Ao cruzar a soleira daquele quarto, G.H. não atravessa apenas um limite espacial: transgredir fronteiras simbólicas que sustentavam sua identidade. Derrida (2003) lembra que toda hospitalidade verdadeira implica a perda de controle sobre o espaço próprio, o acolhimento sem garantias. O quarto da empregada é esse espaço da alteridade radical: um território dentro de sua casa, mas ao mesmo tempo estranho, outro, irreconhecido. Ao adentrar ali, G.H. hospeda, sem saber, o início da própria desestruturação.

A jornada da protagonista pode ser interpretada como uma experiência-limite de hospitalidade. Em um gesto extremo, G.H. acolhe dentro de si, literalmente, ao ingerir o indizível, aquilo que a repulsa ensinara a rejeitar. Segundo Lévinas (2000), o acolhimento do outro exige uma responsabilidade incondicional, uma abertura que não calcula nem se protege. G.H. realiza essa hospitalidade em sua forma mais bruta: não recebe o semelhante, mas aquilo que a dissolve.

A hospitalidade, como mostra Grassi (2004), sempre oscilou entre acolher e proteger. Héstia e Hermes, na mitologia grega, simbolizam essa tensão entre o lar e o deslocamento, entre a interioridade e o estrangeiro. G.H., ao penetrar o quarto e ao permitir que o indizível a invada, encena essa tensão primordial: ela é, ao mesmo tempo, anfitriã e intrusa, acolhedora e transgressora.

Camargo (2015) aprofunda a noção de hospitalidade ao salientar sua ambiguidade constitutiva: o hóspede é bem-vindo, mas também ameaça o equilíbrio do lar. Essa tensão ressoa na experiência de G.H., que, ao acolher a presença do estranho, perde as referências que sustentavam seu mundo anterior. A hospitalidade verdadeira, como sugere Camargo, nunca é isenta de risco; ela implica uma aposta na transformação.

A experiência narrada por Clarice Lispector radicaliza ainda mais essas ambiguidades. Se, para Telfer (1996), a hospitalidade envolve troca e reciprocidade, em G.H. a relação se dá sem reciprocidade visível. A barata nada oferece em troca: ela simplesmente é. O gesto de acolhimento torna-se, assim, um ato unilateral, um abandono de expectativas e um mergulho na pura alteridade.

Do ponto de vista antropológico, Benveniste (1995) e Pitt-Rivers (2012) lembram que a hospitalidade sempre envolve uma negociação de fronteiras: acolher é também afirmar quem é o anfitrião e quem é o hóspede. Em G.H., essa distinção se desfaz. A protagonista torna-se hóspede do outro dentro de seu próprio espaço, e esse outro, o indizível, o informe, redefine as

condições do encontro. Como observa Montandon (2011), toda hospitalidade carrega uma inversão potencial, e é dessa inversão que nasce a verdadeira transformação.

Assim, *A Paixão Segundo G.H.* pode ser lida como um tratado silencioso sobre a hospitalidade em seu sentido mais radical: acolher não apenas o que é diferente, mas o que desmorona a diferença, o que ameaça os contornos do eu. A trajetória de G.H. é uma lição brutal sobre a possibilidade e o risco de abrir-se ao que não se pode nomear.

2.3 O espaço da não-casa como portal para o indizível

O quarto de serviço, espaço marginal e quase invisível na arquitetura do lar burguês, torna-se em *A Paixão Segundo G.H.* um verdadeiro limiar ontológico. Mais do que um cômodo, ele é um intervalo no qual as categorias que sustentam a identidade de G.H. começam a ruir. Marc Augé (1992) define os "não-lugares" como espaços de transitoriedade, nos quais os sujeitos perdem seus referenciais de pertença e identidade. Ao penetrar nesse não-lugar, G.H. é arrancada da estabilidade confortável do cotidiano e empurrada para a orla do desconhecido.

O quarto é descrito como um espaço de ausência: objetos impessoais, paredes nuas, um silêncio que ecoa como uma presença densa. A narradora observa: "Aquele quarto não era um quarto. Era um lugar de passagem. Era um lugar onde as coisas não pertenciam" (Lispector, 1964, p. 23). A estranheza é instaurada pela ruptura da função doméstica do espaço: ali, a ordem e o sentido habituais da casa burguesa são suspensos, abrindo caminho para uma experiência de desnorreamento.

Em termos antropológicos, Bachelard (1994) nos lembra que a casa é tradicionalmente o espaço da intimidade, da proteção contra o mundo exterior. No entanto, o quarto da empregada, essa não-casa dentro da casa, subverte essa lógica: é a presença do outro silenciado, o registro daquilo que foi habitado e esquecido. G.H., ao atravessar essa soleira, torna-se hóspede involuntária de uma alteridade que sempre existiu à margem de sua percepção.

A ausência da empregada, que G.H. sequer consegue lembrar com nitidez, revela a precariedade da hospitalidade burguesa: uma hospitalidade que hospeda sem reconhecer, que acolhe o outro como função e não como rosto. Lévinas (2000) propõe que o verdadeiro encontro ético ocorre quando o outro se impõe em sua irreduzível alteridade, convocando-nos à responsabilidade. No quarto vazio, a alteridade esquecida retorna como abismo.

A não-casa opera, assim, como um portal para o indizível, pois nela se desmantelam as categorias de familiaridade, domínio e propriedade. Derrida (2003) insiste que a hospitalidade verdadeira implica abrir a casa ao estrangeiro sem saber quem ele é, sem condições. G.H. não hospeda o conhecido; ela é invadida pelo inominável, pelo indizível que se infiltra no espaço simbólico da ordem doméstica.

Essa abertura forçada é também um gesto de desfamiliarização, conceito trabalhado por Shklovsky (1990), segundo o qual a arte torna estranho o que é habitual, obrigando-nos a perceber novamente o que estava naturalizado. Ao enfrentar o quarto transformado em não-casa, G.H. é forçada a enxergar, ou melhor: a se enxergar, sob uma nova ótica, onde o familiar se torna irreconhecível.

A barata, surgida do fundo desse espaço de anonimato, não é apenas um inseto: é o signo do que foi sistematicamente excluído da esfera do humano. Como aponta Kristeva (1982), o indizível é aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem. No quarto de serviço, o encontro com o indizível rompe a ilusão de completude do eu e inaugura a experiência do desamparo radical.

Esse desamparo não é meramente psicológico: é ontológico. G.H. se depara com a fragilidade de seu próprio ser, percebendo-se como algo anterior à linguagem, anterior à representação. Gadamer (1999) observa que toda verdadeira experiência de compreensão implica ser afetado pela alteridade do objeto; não dominá-lo, mas deixar-se transformar por ele.

No quarto, G.H. não interpreta: ela é interpretada pela presença silenciosa do que não pode ser dito.

Portanto, o quarto de serviço, enquanto espaço liminar e despossuído, realiza uma operação simbólica fundamental: desfaz as hierarquias da casa, questiona o lugar da protagonista no mundo, e prepara o terreno para a travessia que a narrativa irá consumir. Ali, onde a casa falha em ser abrigo, começa o movimento irreversível em direção ao outro, ao estranho, ao indizível.

2.4 A hospitalidade radical ao indizível

O ápice da narrativa em *A Paixão Segundo G.H.* não é apenas o momento da repulsa: é o instante em que o impossível é acolhido. G.H., num gesto visceral e desesperado, engole a substância da barata esmagada. Um gesto que não pode ser explicado pela lógica, mas apenas compreendido como transgressão extrema da ordem simbólica. Ela afirma: "Eu a engoli. Eu engoli o que não era eu. Eu engoli o que não tinha nome. Eu engoli a própria vida" (Lispector, 1964, p. 110).

Esse ato de incorporação do indizível é mais do que um evento chocante: é a encenação radical de uma hospitalidade sem limites. Julia Kristeva (1982) define o indizível como aquilo que precisa ser expelido para que o sujeito se constituía; o indizível é o que ameaça dissolver as fronteiras entre o eu e o não-eu. A barata, nesse contexto, não é apenas um animal repulsivo: ela é a metáfora viva do que é rejeitado para que a humanidade possa sustentar sua frágil identidade.

Ao engolir o indizível, G.H. não apenas desafia as normas sociais e biológicas: ela voluntariamente desestabiliza o próprio princípio de identidade. Derrida (2003) questiona se a hospitalidade, em sua forma mais pura, não deveria também incluir aquilo que rejeitamos como impossível de ser recebido. G.H. realiza essa hospitalidade impossível: acolhe dentro de si o que sua cultura, sua razão e seus instintos gritariam para expulsar.

Esse acolhimento não é sem dor. A travessia de G.H. envolve a dissolução do ego, a perda das referências que lhe garantiam um lugar no mundo. Como observa Lévinas (2000), o verdadeiro encontro com o outro implica uma ruptura, uma interrupção violenta da *mesmice*. No caso de G.H., o outro não possui um rosto humanizado, sendo este o outro informe, sem olhos que respondam, sem fala que se enderece, mas nem por isso deixa de convocá-la à responsabilidade.

A hospitalidade ao indizível, nesse sentido, aproxima-se da experiência do sagrado negativo descrita por Bataille (1949): um mergulho no interdito, no que não pode ser integrado sem uma transformação radical do ser. G.H. não busca transcender o horror; ela atravessa o horror para tocar uma forma mais impessoal e vasta de vida, onde distinções como sujeito e objeto, humano e animal, se esgarçam.

Ao engolir o que é considerado expurgável, G.H. opera uma inversão ética: reconhece no mais desprezível um fragmento da própria vida. Em sua queda, há uma fidelidade silenciosa a uma hospitalidade que não seleciona, que não mede, que não separa. Como lembra Nancy (2000), existir é sempre co-existir, mesmo com aquilo que nos assombra e nos repulsa.

Esse gesto de acolhimento absoluto implica também sacrifício. G.H. sacrifica sua integridade psicológica, sua ilusão de centralidade, sua separação do real bruto. A dádiva que ela oferece, na perspectiva de Mauss (2018), é uma dádiva sem expectativa de reciprocidade: ela se dá à alteridade sem garantias, sem retorno, apenas porque já está implicada nela desde sempre.

No processo de ingestão do indizível, G.H. atinge um ponto de contato com o que Clarice Lispector descreve em várias obras como "o neutro", "o anterior ao nome", "a substância sem forma" (Lispector, 1973). Trata-se de uma espécie de revelação invertida: não da luz, mas do que subsiste sob todas as formas, uma vida sem rosto que, mesmo assim, pulsa.

Ao acolher o indizível dentro de si, G.H. revela que a hospitalidade mais extrema não é aquela que recebe o semelhante, mas aquela que abdica do próprio centro para abrir espaço ao absolutamente outro. E é nesse esvaziamento que algo como uma nova ética, anterior à linguagem, anterior ao humano pode talvez começar a emergir.

2.5 A linguagem em crise diante do inexprimível

Um dos eixos mais pungentes de *A Paixão Segundo G.H.* é a tensão entre o desejo de nomear a experiência e a constatação de que a linguagem, essa ferramenta tão humana, falha diante da imensidão do vivido. G.H. tenta dizer, mas o dizer trai. Sua confissão é crua: "Não sei dizer. Não sei o que estou dizendo. As palavras não me bastam. As palavras me traem" (Lispector, 1964, p. 87).

Essa ruptura entre experiência e linguagem não é apenas circunstancial: ela configura o próprio drama da personagem. Como observa Poli (2009), a escrita de Clarice Lispector é atravessada pela tentativa de expressar o que está além do logos tradicional, aquele que valoriza a linearidade, a clareza, a completude. Em G.H., a linguagem, antes mediadora da realidade, torna-se insuficiente, revelando o hiato entre o sentir e o dizer.

Essa busca de Clarice por uma escrita que acolha o inexprimível aproxima-se do conceito de *écriture féminine* formulado por Hélène Cixous (1979). Cixous propõe que as escritoras explorem formas de escrita que expressem a alteridade e o desejo, rompendo com as estruturas masculinas do discurso. Em G.H., vemos essa ruptura: o texto é fragmentado, circula em torno do indizível, recusa-se a ser linear ou teleológico.

Diante do colapso da linguagem tradicional, G.H. recorre a outros modos de apreensão: o silêncio, os sentidos, a imagem tátil. Como aponta Bergson (2008), a linguagem, embora necessária para a comunicação, muitas vezes filtra e empobrece as experiências mais autênticas. Em *A Paixão Segundo G.H.*, a narradora se vê obrigada a ultrapassar as palavras, a escrever nos interstícios, nas falhas do discurso.

A fragmentação da narrativa clariciana é, portanto, menos um defeito e mais uma necessidade estrutural. Benedito Nunes (1989) observa que, em Clarice, o ato de narrar se confunde com o ato de sondar o limite do narrável. A escrita emerge como esforço para hospedar aquilo que, por natureza, resiste ao abrigo da linguagem. A literatura de Clarice se torna, assim, um exercício radical de hospitalidade ao indizível.

Essa crise do discurso também revela uma hospitalidade ética em relação à própria experiência. Aceitar a insuficiência da linguagem é aceitar que há realidades que não se deixam capturar, que o outro, inclusive o outro em si mesmo, permanece em parte inatingível. Lévinas (2000) já havia alertado para a impossibilidade de totalizar o outro no discurso: há sempre um excedente que escapa.

Derrida (2003) aprofunda essa percepção ao afirmar que toda hospitalidade verdadeira é hospitalidade ao desconhecido, ao que não se pode antecipar nem dominar. Em G.H., hospedar o indizível implica acolher a falência das palavras, permitir que o silêncio, a hesitação, a repetição digam o que não pode ser dito diretamente.

A desarticulação da linguagem em *A Paixão Segundo G.H.* não conduz ao niilismo, mas à reinvenção. A protagonista, ao fracassar em nomear plenamente sua experiência, inaugura novas possibilidades de expressão. Como lembra Barthes (1973), a escrita do fragmento, da suspensão, do paradoxo é uma resposta estética à falência do discurso totalizador. Clarice não renuncia à linguagem: ela a reinventa na beira do abismo.

Assim, a crise da linguagem em *A Paixão Segundo G.H.* torna-se o motor da criação literária. É no embate com o inexprimível que o texto clariciano ganha sua densidade única, transformando a impossibilidade de dizer em força estética, e fazendo da literatura uma casa provisória para o que, de outro modo, permaneceria sem lugar.

2.6 A travessia do espectro existencial

Ao acolher o indizível e hospedar em si o inassimilável, G.H. realiza uma travessia que não é apenas narrativa, mas ontológica. Trata-se de um processo de despojamento, em que a protagonista é arrancada dos signos que sustentavam sua identidade social, pessoal e simbólica. O percurso que se desenha é semelhante a uma descida aos infernos da própria constituição do ser, onde não resta senão a nudez existencial. A certo ponto, G.H. reconhece: "Eu não sou eu. Eu sou um outro. Eu sou todos os outros" (Lispector, 1964, p. 120).

Essa revelação ecoa a célebre sentença de Arthur Rimbaud, "Je est un autre", que desconstrói a noção de um eu fechado e autoevidente. Em Clarice Lispector, como em Rimbaud, a subjetividade é atravessada pela alteridade: o eu é uma multiplicidade instável, uma abertura incessante para o que não é ele. Não há identidade sem contaminação pelo outro, sem exposição ao que ultrapassa a própria compreensão de si.

Essa percepção encontra ressonância no existencialismo de Jean-Paul Sartre. Em *A Náusea* (1938), Sartre descreve a experiência do colapso da identidade diante da contingência radical da existência. A personagem Roquentin, ao encarar a crueza do mundo, sente sua identidade dissolver-se, percebendo-se como parte indistinta do ser em si. Em G.H., a dissolução não é apenas intelectual: ela é vivida corporalmente, atravessada pelo horror e pela revelação simultâneos.

A travessia do espectro existencial que G.H. empreende implica o abandono das categorias estáticas do ser. Todos os nomes que a sustentavam: mulher, artista, sujeito burguês, tornam-se rótulos vazios diante da experiência-limite. Como assinala Deleuze (1968), o ser é menos uma substância do que um processo de diferenciação e mudança. A jornada de G.H. desvela precisamente essa dinâmica: o ser não é uma entidade, mas um campo de forças em transformação contínua.

Benveniste (1995) enfatiza que as categorias fundamentais com que estruturamos a experiência como tempo, espaço, pessoa, são construções culturais e linguísticas. Em *A Paixão Segundo G.H.*, essas categorias são desmanteladas uma a uma: o tempo se torna intemporalidade; o espaço, um limbo; o eu, uma multiplicidade em fusão. G.H. atravessa uma desaprendizagem radical das fronteiras aprendidas, reaproximando-se de um estado de pré-significação.

Essa desconstrução é simultaneamente aterradora e libertadora. A perda dos referenciais identitários gera o medo primordial da aniquilação, mas também abre a possibilidade de uma liberdade sem limites, onde o ser já não precisa ser moldado por categorias fixas.

A jornada de G.H., assim, é menos uma destruição do eu do que uma expansão ontológica. Ela morre simbolicamente enquanto ego isolado para renascer como fragmento de uma totalidade viva, indiferenciada, anterior às separações arbitrárias entre sujeito e mundo.

A travessia do espectro existencial não leva G.H. a um novo conhecimento positivo, mas a uma nova forma de presença: uma presença que acolhe a indeterminação como seu chão. A partir desse ponto, o ser não é mais aquilo que se define, mas aquilo que se habita no movimento incessante de nascer e morrer de si.

Assim, a jornada de G.H. não é apenas uma crise subjetiva: é uma metamorfose ontológica, em que a hospitalidade se estende à própria constituição do ser. Acolher o outro, o estranho, o informe, acolher o que desorganiza, torna-se a via para ultrapassar os limites impostos pela identidade e tocar o real em seu estado mais cru e inaugural.

2.7 A busca por uma nova linguagem e uma nova forma de ser

Na etapa final de sua travessia, G.H. encontra-se diante da tarefa mais difícil: não apenas sobreviver ao abismo, mas aprender a dizer o indizível, a viver de acordo com a revelação que rasgou seu ser. A protagonista intui que as palavras comuns, moldadas para um cotidiano domesticado, não serão suficientes para expressar o que ela agora carrega. Em seu clamor mais

íntimo, declara: "Estou tentando encontrar uma linguagem. Estou tentando encontrar um modo de dizer o que não pode ser dito" (Lispector, 1964, p. 150).

Essa busca aponta para a necessidade de uma reinvenção radical do logos. Como afirma Barthes (1973), a linguagem tradicional é muitas vezes cúmplice das estruturas de poder e domesticação do real. Em G.H., percebe-se que o dizer habitual encobre a violência e a beleza do que foi vivido. É preciso um novo idioma, feito de silêncio, de hesitação, de palavras carregadas de vertigem para hospedar a experiência que recusa ser capturada.

A renovação da linguagem caminha lado a lado com a metamorfose do ser. Despojada de suas máscaras sociais, G.H. emerge não como um novo ego triunfante, mas como uma presença aberta ao fluxo da vida.

Essa transformação também ecoa a experiência de dádiva descrita por Godbout (1997, 1998). A hospitalidade radical não é apenas a abertura ao outro: é também o sacrifício de algo essencial de si. G.H., ao atravessar a experiência do abjeto e do indizível, entrega sua antiga identidade como oferta. Em troca, recebe um novo modo de ser mais vulnerável, mais verdadeiro, mais próximo da vida em sua potência bruta.

A busca por uma nova forma de expressão não significa a rejeição da linguagem, mas o desejo de reencontrá-la em sua dimensão inaugural, anterior às codificações utilitárias. Como Bergson (2008) assinala, o papel da arte e da literatura é justamente restituir à linguagem sua capacidade de tocar o real, de revelar a vibração da existência que as palavras habituais tendem a ocultar.

Essa reconfiguração do ser implica também uma nova ética da hospitalidade. Ao acolher o estranho dentro de si, o inominável, o informe, o que excede. G.H. inaugura uma relação com o mundo fundada não mais na posse ou na compreensão totalizante, mas na escuta e na abertura. Derrida (2003) insiste que a hospitalidade verdadeira é aquela que se oferece sem garantia, sem condição, sem saber quem ou o que será acolhido.

No novo horizonte que se esboça para G.H., a vida não é mais algo a ser controlado ou categorizado. Ela é travessia, devir, vulnerabilidade. Como diz Deleuze (1968), tornar-se é mais essencial do que ser: é na abertura ao outro, ao desconhecido, que o ser se constitui e se reinventa.

A tentativa de encontrar uma nova linguagem é, portanto, inseparável da tentativa de encontrar um novo modo de existir. G.H. não busca definir o que viveu, mas criar condições para que esse vivido continue pulsando em sua vida futura. A linguagem, como a existência, torna-se um campo de acolhimento do movimento, da indeterminação, da alteridade.

A travessia de G.H. culmina, assim, não em uma resposta, mas em uma nova pergunta: como viver depois de ter atravessado o que não pode ser dito? Como habitar o mundo sem negar o estranho que nele e em nós habita? Essas perguntas não são resolvidas, mas mantidas abertas como uma ferida viva, como um gesto interminável de hospitalidade ao mistério da existência.

Portanto, o fim da narrativa não é um encerramento, mas um recomeço silencioso: G.H. emerge à beira de uma linguagem ainda por ser inventada, e de uma vida que, por ter atravessado a morte simbólica do eu, agora pode acolher em si a vastidão irreconhecível do real.

3. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórico-qualitativa, ancorada numa abordagem hermenêutica e interdisciplinar. A escolha pela metodologia qualitativa decorre da intenção de compreender as dimensões simbólicas e existenciais da obra literária, reconhecendo, como ressalta Minayo (2012), que o universo qualitativo lida com significados, valores e construções sociais que não se deixam capturar por métodos quantitativos. Assim, o presente trabalho volta-se à análise interpretativa de *A Paixão Segundo G.H.*, buscando extrair

do texto literário camadas latentes de sentido em diálogo com referenciais filosóficos e antropológicos.

Adotou-se o método da leitura *close reading*, uma prática crítica que privilegia a atenção ao detalhe, à tessitura interna da linguagem e às tensões silenciosas que atravessam o texto. Como observa Eagleton (1996), a leitura crítica não visa apenas ao que o texto diz, mas àquilo que o texto permite entrever por suas lacunas e suas resistências. Nesse sentido, a obra de Clarice Lispector foi lida como um campo de hospitalidade ao indizível: espaço em que palavras e silêncios se intercalam para acolher o que não pode ser plenamente nomeado.

Os trechos expostos do romance de Lispector, foram colocados com base em sua potência simbólica para a temática proposta: o desmoronamento da identidade, o encontro com o indizível e a abertura à alteridade. Portanto, interpretados à luz de um aparato teórico construído a partir de autores como Jacques Derrida (2003), Emmanuel Lévinas (2000), Julia Kristeva (1982) e Marcel Mauss (2018), entre outros. Esses pensadores oferecem categorias conceituais fundamentais como hospitalidade, responsabilidade pelo outro, abjeção e dádiva, que permitem compreender o gesto radical de acolhimento realizado por G.H.

A abordagem hermenêutica, que orienta este estudo, fundamenta-se na perspectiva de Gadamer (1999), para quem toda interpretação é um diálogo entre horizontes: o horizonte do texto, o do intérprete e o do tempo presente. Assim, a análise buscou respeitar a alteridade do texto literário, evitando reduzi-lo a uma simples ilustração das teorias mobilizadas. Em vez disso, privilegiou-se a tensão entre o literário e o conceitual, permitindo que o texto desafiasse também as categorias analíticas.

A pesquisa incluiu ainda um levantamento bibliográfico abrangente sobre a crítica literária em torno de Clarice Lispector. Foram incorporadas contribuições de estudiosos como Poli (2009) e Nunes (1989), que discutem a escrita clariciana em sua dimensão de crise da linguagem, deslocamento identitário e abertura ao outro. A leitura de Abdala Junior (2010), a partir da biografia escrita por Benjamin Moser (2009), forneceu subsídios importantes para compreender a condição de estrangeira da autora e suas ressonâncias na construção de suas personagens.

O corpus do estudo restringe-se à obra literária de Clarice Lispector (*A Paixão Segundo G.H.*) e à literatura teórica e crítica correlata. Não houve coleta de dados empíricos, dado que a análise concentra-se no campo simbólico e discursivo. Conforme ressaltam Flick (2009) e Denzin & Lincoln (2011), nas pesquisas qualitativas, a validade das interpretações repousa menos em critérios de reprodutibilidade e mais na coerência interna entre fenômeno analisado e aparato conceitual mobilizado.

A validação interpretativa, portanto, foi realizada pelo cruzamento entre a experiência ficcional narrada e os marcos teóricos selecionados. Dessa forma, o presente estudo pretende oferecer uma contribuição sensível e rigorosa à compreensão da hospitalidade radical na obra de Clarice Lispector.

4. Resultados e discussão

A análise empreendida ao longo deste estudo revelou que a travessia existencial de G.H., conforme narrada por Clarice Lispector, articula-se como um processo radical de hospitalidade ao indizível que transcende a interpretação simbólica ou psicológica tradicional. A leitura hermenêutica do romance permite compreender que a hospitalidade em *A Paixão Segundo G.H.* não se limita a uma abertura ao outro externo, representado pela barata, mas implica também um acolhimento visceral do outro interno, daquele estranho constitutivo do eu, até então rejeitado ou desconhecido.

Os resultados apontam que o espaço narrativo do quarto de empregada funciona como um limiar simbólico e ontológico, onde o colapso da identidade de G.H. se realiza como condição para a emergência de uma nova forma de subjetividade. Essa transição é vivenciada

não como um processo linear de autoconhecimento, mas como uma experiência de aniquilação simbólica, onde o corpo, a linguagem e o tempo perdem suas coordenadas estáveis. A ingestão da barata representa, nesse sentido, não um gesto de irracionalidade, mas de total entrega à experiência de abjeção e transgressão, conforme apontam Kristeva (1982) e Derrida (2003), que veem na hospitalidade radical a abertura ao que não pode ser assimilado.

A análise também demonstrou que a linguagem utilizada por Clarice Lispector adota uma forma fragmentada, tautológica e circular, não por deficiência expressiva, mas como forma de resistência à lógica excludente do discurso racional. Essa linguagem, como propõe Cixous (1979), não pretende dominar o real, mas dar abrigo ao que nele há de mais inominável: o feminino, o informe, o abjeto. Em G.H., essa escrita performativa convoca o leitor a também se deslocar, a hospedar, mesmo que provisoriamente, o desconforto do outro.

Com isso, pode-se afirmar que o romance realiza, ao mesmo tempo, um gesto ético, existencial e estético de hospitalidade. A radicalidade do acolhimento vivido por G.H. evidencia que não há como receber o outro sem ser irrevogavelmente alterado por sua presença. Como resultado, o romance se configura como uma espécie de ritual literário de passagem, onde a dissolução da identidade é condição para o nascimento de uma forma mais aberta, fluida e responsiva de existir.

5. Considerações finais

A leitura de *A Paixão Segundo G.H.*; por meio do prisma da hospitalidade, revelou a extraordinária densidade filosófica e existencial da obra de Clarice Lispector. O percurso da protagonista desde o atravessamento do espaço marginal até a incorporação do indizível e a desconstrução da linguagem configura uma verdadeira travessia ontológica. G.H. não apenas acolhe o outro; ela se expõe ao absolutamente outro, ao que desestabiliza as fronteiras do eu e convoca à vulnerabilidade radical.

Essa travessia revelou que a hospitalidade, quando levada ao extremo, exige a renúncia de qualquer segurança identitária. Como apontam Derrida (2003) e Lévinas (2000), acolher o outro em sua alteridade plena é um gesto sem garantias, capaz de dismantelar os alicerces do ser. Em G.H., essa hospitalidade se realiza de maneira visceral: ao acolher o informe, o abjeto, o indizível, a protagonista não apenas transcende as formas convencionais de ser e de dizer, mas acessa uma dimensão mais ampla e universal da existência.

O diálogo entre literatura e teoria demonstrou-se frutífero e fecundo. O aparato conceitual fornecido por autores como Derrida (2003), Lévinas (2000), Kristeva (1982), entre outros, permitiu iluminar aspectos centrais da narrativa clariciana, evidenciando como a obra ultrapassa a ficção para dialogar com questões éticas, ontológicas e existenciais profundas. A radicalidade da experiência de G.H. desafia inclusive os próprios limites das teorias da hospitalidade, interrogando até que ponto é possível acolher o absolutamente outro sem perder-se a si mesmo.

Além disso, o romance de Clarice Lispector reverberou questões contemporâneas da hospitalidade, como demonstram os estudos de Lashley e Morrison (2004) e Lashley, Lynch e Morrison (2007), que discutem o acolhimento para além das fronteiras culturais e sociais. Apesar de única em sua tessitura poética, *A Paixão Segundo G.H.* conecta-se a inquietações atuais sobre alteridade, exclusão e a ética do acolhimento, revelando a potência interdisciplinar da análise literária.

A dimensão biográfica também adensou esta leitura. A condição de estrangeira vivida por Clarice Lispector, sua experiência de desenraizamento e sua busca espiritual, como evidenciam Abdala Junior (2010) e Moser (2009), parecem ecoar na travessia de G.H., conferindo autenticidade e urgência às questões mobilizadas pela obra. Clarice não apenas narra uma jornada interior; ela a vive simbolicamente por meio de sua personagem.

Assim, *A Paixão Segundo G.H.* emerge como uma obra singular e atemporal: um convite ao acolhimento do que há de mais estranho e assustador em nós e no mundo. Ao acompanhar a travessia da protagonista, o leitor é também convocado a enfrentar seus próprios limites: quais “baratas”, medos, preconceitos, verdades não ditas, estamos dispostos a acolher? Em última instância, a hospitalidade radical não se configura apenas como tema literário, mas como um desafio ético-existencial que toca o núcleo da condição humana.

Clarice Lispector, ao escrever essa travessia, nos ensina que talvez só acolhendo aquilo que rejeitamos e que não sabemos nomear, possamos, enfim, ultrapassar os contornos estreitos do eu e vislumbrar a vastidão silenciosa da existência.

REFERÊNCIAS

- Abdala Junior, B. (2010). *Biografia de Clarice*, por Benjamin Moser: Coincidências e equívocos. *Estudos Avançados*, 24, 285–292.
- Augé, M. (1992). *Non-lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Éditions du Seuil.
- Bachelard, G. (1994). *A poética do espaço* (M. A. Ribeiro, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1957)
- Barthes, R. (1973). *Le plaisir du texte*. Éditions du Seuil.
- Bataille, G. (1949). *A experiência interior* (R. da Silva, Trad.). WMF Martins Fontes.
- Benveniste, É. (1995). *O vocabulário das instituições indo-europeias: Economia, parentesco e sociedade*. Editora da Unicamp.
- Bergson, H. (2008). *La politesse*. Payot & Rivages.
- Camargo, L. O. L. (2015). *Hospitalidade: Leis da hospitalidade*. Pioneira Thomson Learning.
- Cixous, H. (1979). *Vivre l'orange*. Éditions des femmes.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). *The SAGE handbook of qualitative research* (4th ed.). SAGE Publications.
- Derrida, J. (2003). *Da hospitalidade* (M. L. C. de Almeida, Trad.). Estação Liberdade. (Obra original publicada em 1997)
- Deleuze, G. (1968). *Diferença e repetição* (L. Orlandi, Trad.). Editora Graal.
- Eagleton, T. (1996). *Literary theory: An introduction* (2nd ed.). University of Minnesota Press.
- Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research* (4th ed.). SAGE Publications.
- Gadamer, H.-G. (1999). *Verdade e método* (F. H. Xavier & J. C. Bruni, Trans.). Vozes.
- Godbout, J. T. (1997). *L'esprit du don. La Découverte*.
- Godbout, J. T., & Caillé, A. (1998). *The world of the gift* (D. Winkler, Trad.). McGill-Queen's University Press.
- Gotlib, N. B. (2009). *Clarice: Uma vida que se conta*. Editora Ática.
- Kristeva, J. (1982). *Powers of horror: An essay on abjection* (L. S. Roudiez, Trad.). Columbia University Press.
- Lashley, C., Lynch, P., & Morrison, A. (2007). *Hospitality: A social lens*. Elsevier.
- Lashley, C., & Morrison, A. (2004). *Hospitality management: An introduction*. Butterworth-Heinemann.
- Lévinas, E. (2000). *Totalidade e infinito: Ensaio sobre a exterioridade* (M. da V. Paz, Trad.). Edições 70.
- Lispector, C. (1964). *A paixão segundo G.H.* Editora do Autor.
- Lispector, C. (1973). *Água viva*. José Olympio.
- Mauss, M. (2018). *Ensaio sobre a dádiva* (J. C. Redin, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1924)
- Montandon, A. (2011). *Hospitalidade: História e cultura do acolhimento*. Autrement.
- Moser, B. (2009). *Why this world: A biography of Clarice Lispector*. Oxford University Press.
- Nancy, J.-L. (2000). *Ser singular plural* (A. C. M. Costa, Trad.). Editora Iluminuras.

- Nunes, B. (1989). *O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. Editora Ática.
- Pitt-Rivers, J. (2012). *The law of hospitality*. HAU: Journal of Ethnographic Theory, 2(1), 501–517.
- Poli, M. C. (2009). *Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector*. Psico, 40(4), 435–442.
- Sartre, J.-P. (2019). *A náusea* (P. Neves, Trad.). L&PM. (Obra original publicada em 1938)
- Shklovsky, V. (1990). *Arte como procedimento*. Editora Martins Fontes.
- Telfer, E. (1996). *Food for thought: Philosophy and food*. Routledge.